

Uma firme condenação aos 'planos miraculosos'

NOVA YORK — O Wall Street Journal, em editorial intitulado "Brasil versus Baker", critica a proposta Bresser de negociação da dívida externa brasileira. Esta é a íntegra do editorial.

"O Ministro da Fazenda do Brasil chegou a Washington esta semana com uma nova proposta para a dívida externa, mas ele deixou os EUA com o ponto perdido. Em uma reunião no tesouro americano, o Ministro brasileiro, Luiz Carlos Bresser Pereira, propôs o que seria um plano radical e unilateral sobre a dívida. O Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Baker, rapidamente chamou-o de uma "não proposta" e a partir daí, Bresser Pereira mais ou menos deu o braço a torcer e concedeu o ponto a Baker.

"O placar do jogo da dívida externa vai assinalar uma derrota para os brasileiros, mas é mais justo para Bresser Pereira e mais verídica a hipótese de chamarmos uma vitória do realismo no longo debate sobre o problema da dívida latino-americana. Com mais apertos a serem dados na dívida do Terceiro Mundo no final deste mês, durante a reunião conjunta do Banco Mundial e do FMI, em Washington, é também uma boa hora para vermos que soluções com a de Bresser Pereira e outras "soluções milagrosas" para o pântano da dívida simplesmente não são tão miraculosas assim.

"Agora, nós podemos ter simpatias pelo desejo de Bresser Pereira de encontrar algumas idéias sobre a dívida apropriadas às circunstâncias por que passa o Brasil — vale o não pagamento de juros dos US\$ 57 bilhões de dívida nos últimos sete meses, e a oposição política interna a qualquer acordo com os bancos comerciais. Há também uma certa lógica para o esforço brasileiro em ver e forçar os credores a aceitarem 40% ou 50% de desconto. O mercado secundário privado já está descontando a dívida latina em torno de 40%

a 50% e, então, por que não poupar todos os pagamentos de juros da dívida que o próprio mercado diz não valerem mais do que a metade?

"O problema é, que a proposta brasileira é apenas um calote de dívida devida a bancos comerciais e o impacto do calote seria muito mais sério do que os benefícios para o Brasil destes poucos bilhões de dólares de despesas. De uma coisa o Brasil pode estar certo: um Brasil em moratória pode esquecer qualquer novo financiamento do Banco Mundial ou do FMI, por que os pacotes destas organizações (que Baker deve ter deixado claro na conversa) são organizados conjuntamente com financiamentos comerciais. Financiamentos dos Estados Unidos e de outras organizações multilaterais como o Eximbank também vão secar para o Brasil. E, já que caloteiros não são populares em círculos financeiros credores, um Brasil em moratória logo sentiria a falta de capital dos financistas privados, incluindo nestes (e especialmente) os próprios cidadãos brasileiros. Então, a entrada de capital de Bresser Pereira, devido à "poupança" de pagar um pouco menos de juros, logo seria seguida por uma saída de capital do Brasil. Se isso é bom para um país, então Bresser Pereira tem que consultar o Presidente do Peru, Alan Garcia, e ver se ele está se sentindo bem.

"Assim não é suprema nenhuma que Bresser Pereira, ao sair de sua reunião com o Secretário Baker, anunciasse nos degraus do Tesouro americano que ele estava deixando de lado sua proposta de calote para oferecer de uma maneira "voluntária" aos bancos comerciais a sua alternativa. Uma oferta voluntária, no caso "exit bonds" ou outras alternativas financeiras, nós adiantaríamos, pode ser atraente para alguns bancos — como admite o Tesouro dos Estados Unidos ao promover uma espécie de "menu" de opções finan-

ças como parte de uma estratégia de negociação da dívida. Assim Bresser Pereira pode ao menos voltar ao Brasil com este prêmio de consolação.

"Mas os "planos milagrosos" não vão desaparecer, é claro, só porque o plano brasileiro não deu certo. O Senador Bill Bradley, entre outros no Congresso americano, está promovendo uma idéia para usar o Banco Mundial ou outro "órgão público" para comprar a dívida latino-americana com desconto, contabilizar como perdas para os bancos credores, e presumivelmente fazer com que o contribuinte americano pague um pouco da diferença. Esta idéia também é conflitante com realidades do mercado financeiro. O Banco Mundial, por exemplo, é financiado por credores privados — mais especificamente por donos de letras do órgão — que não gostariam de ver o valor do seu investimento decair por ter o Banco Mundial, de uma hora para outra, virado atacado e varejo de dívidas não pagas.

"A moratória da dívida também rempoe qualquer disciplina que o Brasil e outros países latinos tenham que se submeter atualmente para fazer as reformas econômicas de mercado que são essenciais para atrair capital e restaurar um grande crescimento econômico. O Brasil e outros países latinos têm que se submeter atualmente às reformas, ao invés de uma explosão de dinheiro no meio circulante, mascarando ao mesmo tempo os efeitos com congelamentos de preços e salários; com uma inflação de 1000% no início deste ano, o país já pagou o preço.

"A cura para a dívida é o crescimento econômico que resulta de uma política econômica racional, como fizeram devedores como a Turquia, a Coreia do Sul e o Chile. É uma cura que não pode ser feita com uma visita a Washington, mas é a única cura que funciona."